

DANIELE KLEIN

**A PERCEPÇÃO DO INDIVÍDUO BILÍNGUE PORTUGUÊS-HUNSRIQUEANO EM
RELAÇÃO AO SEU BILINGUISMO NO OESTE DE SANTA CATARINA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

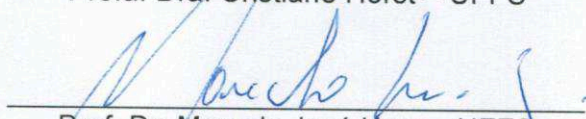
Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Horst

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
08/12/2014

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Cristiane Horst – UFFS



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS



Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado – UFJF

A percepção do indivíduo bilíngue português-hunsriqueano em relação ao seu bilinguismo no oeste de Santa Catarina¹

Daniele Klein²

daniele.uffs@gmail.com

RESUMO: Com este trabalho analisamos a percepção do indivíduo bilíngue em relação ao seu bilinguismo português-hunsriqueano³, no oeste de Santa Catarina (SC). Desta forma, iremos considerar os seguintes teóricos, Mackey (1972), Romaine (1995), Altenhofen (2002), Horst (2011) Thun (2005), que tratam do bilinguismo, das línguas em contato, bem como, de políticas linguísticas e a dialetologia pluridimensional. Esta pesquisa é muito relevante no sentido de expandir os estudos, como também a prática de desconstrução de discursos preconceituosos, em se tratando de prestígio de línguas, como também em relação ao bilinguismo. Assim, temos como objetivo investigar e analisar as características do bilinguismo, e verificar qual a percepção e as convicções do falante frente às suas línguas. Para analisar as características do bilinguismo português-hunsriqueano nas cidades de Alto Bela Vista, Itapiranga/São João do Oeste, Luzerna e São Carlos, localizadas no oeste de SC, utilizaremos os dados do projeto ALMA-H⁴. Primeiramente será feita a descrição dos dados com base nas dimensões diatópica (entre as cidades), diageracional (entre as gerações novas e velhas), diastrática (entre pessoas com mais escolaridade e menos) e diassexual (entre homem e mulher). Assim, a análise aponta algumas diferenças em relação a percepção de bilinguismo entre os indivíduos, como também a língua dominante e a língua afetiva. Mesmo com as diferenças encontradas, foi possível registrar alguns elementos em comum que caracterizam o bilinguismo no oeste de SC, em relação à língua materna e à identidade linguística, bem como a situação do contato atual entre as duas línguas.

PALAVRAS-CHAVE: bilinguismo; identidade; oeste catarinense; contato linguístico português-hunsriqueano; dialetologia pluridimensional.

Introdução

Com o presente artigo pretendemos abordar a temática do bilinguismo, mais especificamente, a percepção e elementos das línguas de indivíduos bilíngues em contextos de língua minoritária de imigração, com destaque para o hunsriqueano⁵, no oeste do estado de Santa Catarina (SC). Consideramos importante o estudo e a descrição do bilinguismo, assim como da variedade e da identidade linguística que o indivíduo bilíngue apresenta, a partir dos trabalhos de Mackey (1972), Romaine (1995), Altenhofen (2002) Heye (2003), Horst (2011) e Krug (2004), especialmente.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação de Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para conclusão do CCR de Trabalho de Conclusão de Curso II, orientado pela professora Dra. Cristiane Horst.

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

³ Ver estudo de Altenhofen (1996)

⁴ Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch*, 2008

⁵ Em alemão, a língua chama-se *Hunsrückisch*, e Altenhofen (1996) aponta que é o nome dado a uma variedade do alemão, com forte presença na região sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Assumimos a **hipótese** de que as variedades da língua minoritária alemã foram e ainda estão sendo estigmatizadas no Brasil. Isso se deve à maneira como a sociedade vê essa língua, sem prestígio, errada, o que tem afetado na relação dos próprios falantes com a língua. Assim, como aponta Altenhefon (2002), isso acaba ocasionando, por muitas vezes, a interrupção do ensino e transmissão do conhecimento da variedade hunsriqueana para as futuras gerações. Outro fator que ocasionou está estigmatização, como afirma Oliveira (2009), foram as políticas de nacionalização impostas pelo Estado Novo.

Desta forma, a relevância do estudo consiste em expandir as recentes pesquisas sobre o bilinguismo no Brasil, considerando que há uma vasta literatura acerca do assunto no âmbito internacional e pouco no que abrange aspectos da realidade brasileira. Assim, há necessidade de desenvolver estudos que apresentem aspectos e elementos do bilinguismo existente no país, juntamente com a revisão dos conceitos e teorias da literatura estrangeira. Neste aspecto, é relevante contribuir para a desconstrução do discurso de que o Brasil apresenta uma realidade monolíngue, uma homogeneidade linguística, em que se declara a língua portuguesa como sendo a oficial, nacional e cotidiana, e que muitos creem que “ser brasileiro” é falar somente português, como aponta Oliveira (2009). Percebemos que, na verdade, o país pertence a um cenário multilíngue, que apresenta variedades originárias das línguas indígenas e de imigração.

Outro aspecto relevante é promover uma mudança na postura e no pensamento existente em relação ao bilinguismo de prestígio, em que se aceita e reconhece o indivíduo que saiba línguas de grande importância e poder no mundo, estigmatizando as variedades de línguas de menos prestígio e, de menor influência na sociedade. Neste aspecto, pode-se pensar até nas variedades existentes dentro de uma mesma língua, variedades de maior e de menor prestígio. Estes pontos interferem na construção da identidade linguística do indivíduo, como destaca Altenhofen (2004).

Assim, neste estudo, investiga-se e analisa-se as características do bilinguismo, as formas de transmissão e aquisição de línguas, bem como, a sua manutenção. Deste modo, o **objetivo** deste estudo é apontar elementos e aspectos relevantes apresentados pelos indivíduos bilíngues sobre o hunsriqueano, como percepções, convicções acerca do seu bilinguismo, nas cidades de Luzerna, Alto Bela Vista, São Carlos e Itapiranga/São João do Oeste, todas situadas no oeste de Santa Catarina. Através dos elementos apontados pelos indivíduos, buscamos compreender as informações que os indivíduos bilíngues apontam, considerando à

relação com a aprendizagem, como também analisar e verificar em que dimensão⁶ apresenta diferenças.

Para o estudo, a seleção de indivíduos teve como critérios, primeiramente, ser bilíngue português-hunsriqueano e falar a variedade alemã. Em segundo lugar, era necessário enquadrar-se em uma das duas faixas etárias estabelecidas, entre 18 a 36 ou acima de 55 anos, como também pertencer a uma das duas classes de escolaridade, com até ensino médio completo ou com formação parcial ou completa de ensino superior. Deste modo, selecionou-se um indivíduo de cada gênero, homem e mulher, que se enquadra em cada faixa etária e classe de escolaridade.

Para inferir sobre as características do bilinguismo português-alemão no oeste catarinense, utilizamos os dados coletados pelo projeto ALMA-H⁷ (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: *Hunsrückisch*) desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com a Christian-Albrechts-Universität zu Kiel de Kiel, na Alemanha.

As quatro cidades selecionadas, apontadas acima, foram escolhidas primeiramente por fazerem parte do projeto ALMA, como segundo fator podemos apontar que possuem, na sua formação e colonização, migrantes alemães vindos de diferentes cidades do Rio Grande do Sul (RS) no século passado. E o terceiro motivo da escolha, é o fato da professora orientadora deste estudo estar desenvolvendo um projeto de investigação das diferentes línguas existentes no oeste de Santa Catarina (SC).

Portanto, este artigo está dividido em quatro seções principais, em que apresentamos, primeiramente, algumas informações e pontos teóricos importantes sobre o estudo da língua materna e do bilinguismo, bem como a necessidade de uma política linguística bilíngue e, informações em relação a (i)migração alemã para o Brasil e o oeste de SC e, por fim, tratamos da Dialetologia Pluridimensional. Na segunda seção, apresentamos e descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do estudo, bem como as perguntas selecionadas para fazer a análise. Já, no decorrer da terceira seção, realizamos análises sobre os dados obtidos, em relação à percepção do indivíduo sobre sua bilingualidade, nas diferentes dimensões propostas pela dialetologia pluridimensional. E, ao final deste trabalho,

⁶ Ver Thun (2005), as diferentes dimensão da Dialetologia Pluridimensional.

⁷ Teve-se a possibilidade de acesso aos dados do ALMA-H devido a orientadora do presente TCC ser pesquisadora e por ter atuado na participação da constituição do projeto do atlas linguístico.

apresentamos as considerações finais, apontando o alcance dos objetivos e das hipóteses iniciais do estudo, como também os principais aspectos encontrados nas análises.

1 Aspectos relevantes sobre conceitos do bilinguismo

A literatura sobre o bilinguismo é ampla em contexto internacional, e é, de certo modo, recente em relação a outros estudos linguísticos, sendo estudado por diferentes áreas nas diversas ciências. Para muitos autores, Mackey (1972), Romaine (1995) e Altenhofen (2002), o estudo do bilinguismo é importante na linguística, pois esta, anteriormente, preocupava-se e descrevia apenas o falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade linguística homogênea. Nesta perspectiva, Jakobson (1953 *apud* ROMAINÉ, 1995.) aponta que o bilinguismo é o “problema fundamental da linguística”⁸. Já Mackey (1972), em seu estudo, afirma que o bilinguismo não é um fenômeno da linguística, mas sim uma característica resultante da sua utilização. No mesmo sentido, Romaine (1995) aponta que o bilinguismo deve ser cultivado, ao invés de tentar superá-lo como problema na sociedade.

No entanto, por mais que haja um amplo estudo do bilinguismo, é difícil encontrar e estabelecer um conceito que defina e qualifique completamente o que venha a ser um indivíduo bilíngue, considerando todos os elementos do indivíduo bilíngue. Bloomfield (1933 *apud* ROMAINÉ, 1995, p.11), um dos primeiros autores a estudar o bilinguismo, apresenta uma descrição mais fechada em relação ao que venha a ser um indivíduo bilíngue. Para o autor, um indivíduo bilíngue necessita ter “um controle de duas línguas semelhante à do nativo”⁹. Definições como esta, o domínio igual de duas línguas, foram consideradas, por muito tempo, nos estudos da linguística. Em contraposição a essa concepção, Mackey (1972) afirma que o bilinguismo é algo inteiramente relativo, e que “devemos, considerar o bilinguismo como o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo”¹⁰.

Assim, Mackey (1972) apresenta em seu estudo, quatro características que podem descrever os indivíduos bilíngues.

- Questão do grau de proficiência¹¹, em que se avalia o conhecimento e habilidades do indivíduo sobre as línguas em questão. Há a percepção de que o conhecimento linguístico não é equivalente em todos os níveis nas duas

⁸ No original: “is the fundamental problem of linguistics”. (JAKOBSON, 1953, *apud* ROMAINÉ, 1995, p.14) tradução livre.

⁹No original: ‘native-like control of two languages’p.11

¹⁰No original: We shall therefore consider bilingualism as the alternate use of two or more languages by the same individual.p.12

¹¹No original: Degree

línguas, e que assim o indivíduo pode apresentar uma boa proficiência, mas pouco vocabulário.

- Questão da função¹², em que se avalia o uso de cada língua pelo indivíduo, as situações decorrentes, considerando que há duas funções, sendo as externas e internas.
- Questão da alternância¹³, neste caso a alternância das línguas que o indivíduo faz, deve-se avaliar em quais condições e a frequência com que o indivíduo utiliza cada uma das línguas.
- Questão da interferência¹⁴, em que se estuda como uma língua interfere e influencia a outra e vice-versa, os elementos originários do contato entre elas.

A importância destas quatro características apresentadas é que elas não se prendem a um único elemento que defina na totalidade o indivíduo bilíngue. Assim, percebe-se que há variados “tipos” de bilinguismo, ou seja, os indivíduos bilíngues são constituídos de diferentes níveis e características bilíngues entre eles.

Ainda em relação aos diferentes níveis de bilinguismo dos indivíduos, pode-se apontar o estudo de Salgado (2008), no qual ela faz uma diferenciação entre bilinguismo e bilinguagem, pesquisado também por Heye (2003). Os autores apontam que bilinguismo está relacionado com as línguas em contato e são utilizadas como meios de comunicação. Já, a bilinguagem faz referência aos estágios de bilinguismo dos indivíduos em seu desenvolvimento linguístico vivenciado. Neste sentido, Salgado (2008) apresenta a estratégia apontada por Savedra (1994), em que propõem analisar o estágio de bilinguagem através da dimensão do contexto e da idade de aquisição das duas línguas em questão, e também o domínio funcional delas.

Salgado (2008) apresenta ainda outro ponto fundamental para o estudo do bilinguismo, o de que não é possível realizar uma pesquisa comparando indivíduos bilíngues, sem ter a consciência das diferenças e das semelhanças que os indivíduos apresentam entre si em relação à idade de aquisição da segunda língua, bem como aos contextos de uso na comunidade em que os indivíduos estão inseridos e ao nível de educação e desempenho apresentado por cada um. Neste sentido, podemos ressaltar a afirmação de Heye (2003), de que “o bilinguismo é um fenômeno relativo e deve ser analisado como tal” (p.232), pois é

¹²No original: Function

¹³No original: Alternation

¹⁴No original: Interference

necessário compreender que a situação identificada no contexto bilíngue não é estável na vida do indivíduo, podendo ter variabilidade de uso funcional da língua.

1.1 Tipos de aquisição bilíngue

Romaine (1995), em seu estudo, investiga e aprofunda o conhecimento em relação à aquisição bilíngue das crianças. A autora aponta seis diferentes formas de aquisição de línguas que vão caracterizar a criança como um ser bilíngue. Ao apresentar cada tipo de aquisição, a autora aponta os aspectos da língua dos pais, em que contexto ocorre e qual a estratégia de ensino de línguas utilizada pelos pais.

- Aquisição tipo 1 = ‘Uma Pessoa – Uma Língua’¹⁵

No primeiro tipo apresentado por Romaine (1995), os pais possuem línguas nativas diferentes, no entanto, cada indivíduo possui um certo grau de competência na língua do outro, e uma das línguas nativas dos pais é a língua dominante na comunidade em que vivem. Desta forma, a estratégia utilizada pelos pais para se dirigir à criança é a de cada um falar a sua própria língua com ela desde o nascimento.

- Aquisição tipo 2 = ‘Língua Não-dominante em Casa’ / ‘Uma Língua – Um Ambiente’¹⁶

Neste tipo de aquisição, os pais também possuem línguas nativas diferentes, e a língua dominante da comunidade é uma das línguas faladas pelos pais. No entanto, a estratégia utilizada é diferente, ambos os pais falam a língua não-dominante com a criança, e a mesma é exposta à língua dominante somente fora de casa, principalmente na escola maternal.

- Aquisição tipo 3 = ‘Língua Não-dominante em Casa sem o apoio da Comunidade’¹⁷

Já no terceiro tipo de aquisição bilíngue, os pais têm a mesma língua nativa, no entanto a língua dominante da comunidade não é falada pelos pais. Desta forma, a estratégia utilizada pelos pais é a de ambos falarem a língua não-dominante com a criança, e ela será exposta à língua dominante somente quando se encontrar em um ambiente externo, na comunidade.

- Aquisição tipo 4 = ‘Duas Línguas Não-dominantes em Casa sem o apoio da Comunidade’¹⁸

No tipo 4, os pais possuem línguas nativas diferentes, no entanto, a língua dominante da comunidade também não corresponde a nenhuma língua falada pelos pais. A estratégia

¹⁵No original: ‘One person – One language’

¹⁶No original: ‘Non-dominant Home Language’ / ‘One Language – One Environment’

¹⁷No original: ‘Non-dominant Home Language without Community Support’

¹⁸No original: ‘Double Non-dominant Home Language without Community Support’

utilizada pelos pais é a de cada um falar a sua própria língua com a criança, e ela estará exposta à língua dominante quando encontrar-se em um ambiente externo.

- Aquisição tipo 5= ‘Pais Não-nativos’¹⁹

No quinto tipo de aquisição, os pais têm a mesma língua nativa, e esta é a dominante da comunidade. No entanto, a estratégia utilizada pelos pais é diferente, um dos pais fala com a criança uma língua não-nativa, ou seja, os pais adquiriram a língua mais tarde na vida e querem passá-la aos filhos.

- Aquisição tipo 6 = ‘Línguas mistas’²⁰

Nesta situação, os pais são bilíngues e a comunidade pode apresentar indivíduos também bilíngues. Desta forma, a estratégia adotada pelos pais é a alternância de códigos e a mistura de línguas, quando se dirigem à criança.

Ainda em relação à aquisição bilíngue, podemos apontar o estudo de De Heredia (1989), que apresenta o tópico bilinguismo precoce. Conforme a autora, o bilinguismo precoce ocorre quando a criança aprende simultaneamente duas línguas, apresentando, assim, duas línguas maternas, o que ocorre geralmente com filhos de casais mistos. O período de aquisição destas línguas é entre 0 a 5 anos de idade. Também há o bilinguismo precoce sucessivo, este ocorre quando se tem a inversão da língua dominante, conforme o crescimento da criança e a frequência de exposição em diferentes ambientes. Em relação a casais mistos, podemos destacar Horst (2011), que aponta exemplos de casais mistos, como teuto-brasileiro e ítalo-brasileiro, e que com os casamentos mistos as possibilidades da criança aprender desde pequena as línguas são elevadas. No entanto, conforme a autora, há vários fatores que contribuem para que o português esteja cada vez mais presente na fala dos indivíduos, que pode interferir na manutenção da língua alemã nos casamentos mistos.

1.2 Aspectos da língua materna

Em relação à língua materna, há diferentes opiniões e concepções em relação a sua definição, no entanto, há o entendimento de que língua materna se refere à primeira língua adquirida e compreendida pela criança. Neste sentido, Altenhofen (2002) apresenta os sentidos comuns e os mitos históricos referentes à língua materna presentes na sociedade. Assim surge diferentes denominações, em que a “língua materna” se refere à língua aprendida através da mãe, como também a língua de casa, à língua dominante e também à primeira língua,

¹⁹No original : ‘Non-native Parents’

²⁰No original : ‘Mixed languages’

dependendo da situação. Conforme o autor, a definição de língua materna é mais complicada quando, o indivíduo bilíngue precoce aprendeu duas línguas simultaneamente, apresentando, desta forma, a possibilidade de duas línguas maternas. Neste sentido, podemos verificar a polissemia de sentidos possíveis deste termo, assim, Altenhofen (2002) propõe:

Descrever a língua materna como um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes, válidos para um determinado momento da vida do falante, os quais englobam a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, e) apresentando-se porém geralmente como língua dominante, f) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, e, por isso, d) provida de um valor afetivo próprio.(p. 159).

A polissemia de sentidos existentes para língua materna acaba, por muitas vezes, afetando a conceituação ou até mesmo as definições e atribuições das línguas do indivíduo, pois podemos perceber que nem sempre a primeira língua aprendida vai ser a dominante, em relação às outras, por toda a vida do indivíduo. É necessário, que ao colocarmos no estudo a questão de língua materna, não a conceituemos e a definamos como algo totalmente fechado e pronto, mas sim algo relativo.

Wald (1989), em seu estudo, também aponta o mito da língua materna ser definido como língua adquirida através da mãe, no entanto o autor faz uma discussão considerando que a definição de língua materna está ligada a uma aquisição natural, espontânea, e também a própria derivação da palavra “materna”. Porém, o autor ressalta ainda, que o conceito de língua materna estar relacionado com a mãe é um “traço cultural e, não estrutural, da consciência unitária do repertório linguístico que a noção de língua materna induz” (WALD, 1989, p.105), deste modo, podemos entender que é um conceito construído. E assim, Wald (1989) apresenta que para formar uma noção de língua materna é necessário construí-la através da caracterização social.

1.3 A necessidade de uma política linguística para o bilinguismo

Em relação às políticas linguísticas no Brasil, Altenhofen (2004) afirma que há falta de estudos sobre as línguas minoritárias. Estas línguas passaram por momentos de indiferença na sociedade, assim como a imposição de outra língua sobre elas, o uso forçado da língua ‘nacional’. Podemos destacar que, como aponta Altenhofen (2004), as situações de abasileiramento dos imigrantes, situações forçadas de uso da língua portuguesa, foi resultado do crescimento e intensificado uso das comunicações e o convívio com outros indivíduos não

pertencentes a mesma comunidade linguística. Podemos citar também, que outra situação de imposição ocorreu com a proibição da língua alemã e nacionalização da língua portuguesa, impostas no período do Estado Novo, durante o governo de Getúlio Vargas, como aponta Oliveira (2009). Neste aspecto, Romaine (1995) afirma que os indivíduos monolíngues são minorias no mundo, no entanto essa minoria de prestígio tem a força de impor sua língua de uma maneira que obriga os outros indivíduos a aprenderem esta língua, o que pode torná-los seres bilíngues. Desta forma, como aponta Altenhofen (2004), tem-se a necessidade de políticas linguísticas para o bilinguismo no Brasil, para que não se exclua indivíduos bilíngues, e nem suas línguas, do ensino escolar.

O autor ainda menciona três grupos básicos sobre as concepções linguísticas, mitos e preconceitos, acerca do bilinguismo e das línguas minoritárias gerados pela sociedade. Destacando primeiramente, a opressão ou distorção do bilinguismo na escola, principalmente os preconceitos linguísticos enraizados. Outro grupo se refere à generalização do monolinguismo, em que as ideologias e concepções estão ligadas à língua oficial. E por fim, a omissão ou ausência do bilinguismo no planejamento escolar, produzindo, assim, a “metáfora do campo de silêncio”²¹.

1.4 (I) Migração e a variedade hunsriqueana no oeste catarinense

A imigração alemã ocorreu de forma mais intensa nas regiões do sul do Brasil a partir do século XIX, mais precisamente no ano de 1824, considerado o marco do início da imigração alemã, como destaca Jungblut (2000). Também houve tentativas de fundação de colônias alemãs no nordeste e sudeste do Brasil, que ocorreram alguns anos anteriores ao marco estabelecido por muitos autores²², essas tentativas, porém não obtiveram sucesso. Deste modo, muitas comunidades e cidades comemoram o dia 25 de julho, como a data inicial da imigração alemã, inspirando nome de ruas e de entidades.²³

Conforme Jungblut (2000), podemos destacar diversos motivos para a vinda dos alemães ao Brasil. O primeiro que podemos apontar é o fato de que no século XVIII e XIX, a

²¹ Assim, com a metáfora ‘campo de silêncio’, quero indicar a privação a respeito de algo que, se problematizado, poderia provocar reflexões e atitudes nas pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem. Quero indicar, também, a existência de um ‘silêncio’, imposto mas não ‘respeitado’, sobre algo que incomoda, que provoca conflitos e contestação. É um ‘calar’ sobre algo que se faz presente, pedindo para ser problematizado e trabalhado. É um campo de silêncio porque está ausente no currículo formal e não é problematizado- do no currículo em ação como um conhecimento digno de ser trabalhado no Curso. (PARAISO, 1996, *apud* Altenhofen, 2004, p. 90)

²² Ver Spinassé (2008), Horst (2011).

²³ Ver Horst (2009, 2011)

Alemanha estava passando por várias crises, como ocorreu na Europa toda, no entanto, o país foi atingido pelas guerras napoleônicas, isso provocou a falta de alimentos e a geração de empregos para a população. Com esses fatores, e com a “propaganda” nos países da Europa para a vinda ao Brasil, muitos imigrantes alemães se despediram da terra natal para viver novas aventuras no sul do Brasil. O fato dos imigrantes serem destinados ao sul do Brasil e toda esta intensiva propaganda para a vinda, deve-se ao fato da urgência que se tinha em povoar e colonizar as regiões sul e delimitar fronteiras do recém criado país.

O autor ainda aponta que houve diferentes fases de imigração e migração na região sul do Brasil, a primeira fase que podemos destacar, é o período inicial da imigração, a vinda dos alemães para as chamadas *Colônias Velhas*, situadas no Rio Grande do Sul. Nesta fase, podemos enquadrar a primeira e segunda geração de imigrantes alemães, e na necessidade de novas terras, devido ao aumento das famílias, começa-se o segundo movimento, agora migratório, na ocupação da região central do RS, como também a ida para áreas da Argentina. A terceira fase dos movimentos migratórios, que ocorreu entre o período de 1922 a 1955, como afirma Jungblut (2000), corresponde a vinda de descendentes alemães das *Colônias Velhas* para o noroeste do RS e oeste de Santa Catarina.

Conforme Jungblut (2000), no período de imigração vieram alemães de diversas partes da Alemanha e deste modo podemos prever que cada imigrante trouxe junto a sua variedade da língua alemã, ocasionando assim, uma diversidade de variedades. Como destacam Krug e Horst (2012), os imigrantes alemães, além de trazer sua variedade e o alemão padrão, estava em contato com a língua portuguesa, o que acabou deixando o indivíduo confrontado em relação a decisão de manter sua língua e cultura. Podemos destacar aqui que uma das variedades alemãs faladas pelos imigrantes foi a hunsriqueana, proveniente da região Hunsrück²⁴, que por muito tempo vem sobrevivendo em meio a tantos descasos políticos-linguísticos.

Considerando estes aspectos, podemos verificar na história de colonização e fundação das quatro cidades selecionadas situadas na região oeste (ver figura 1), Alto Bela Vista, Itapiranga/ São João do Oeste, São Carlos e Luzerna, que todas possuem migrantes alemães vindos das regiões do Rio Grande do Sul, e poucos imigrantes alemães vindos da Europa. Sendo assim, podemos apresentar que as 4 cidades apresentam indivíduos que falam a variedade hunsriqueana.

²⁴ Conforme Altenhofen (1996), lugar que continha uma montanha que lembrava uma coluna de cachorro, por isso Hunsrück (tradução literal: coluna de cachorro).



Figura 1 Localização das 4 cidades selecionadas

1.4.1 Formação e colonização histórica das 4 cidades selecionadas do oeste catarinense

Em relação à formação e colonização das cidades selecionadas para este estudo, podemos destacar que as quatro cidades apontadas, sendo elas Alto Bela Vista, Itapiranga/São João do Oeste, São Carlos e Luzerna, possuem a colonização e a formação das cidades a partir da migração de alemães, vindos do Rio Grande do Sul (RS) no começo do século XX. No entanto, em relação à constituição da população colonizadora há diversos pontos distintos entre as cidades.

Deste modo, a primeira cidade, em que se apresentará alguns aspectos históricos, é Alto Bela Vista. Através das informações do IBGE e o site da Prefeitura Municipal, podemos apontar que a região de Alto Bela Vista começou a ser colonizada nos anos 20 do século XX, por migrantes descendentes de italianos e alemães vindos das *Colônias Velhas* do RS, através das companhias de colonizações, em que a grande maioria dos migrantes buscavam terras mais baratas. O município de Alto do Bela Vista, por muito tempo, pertencia ao município de Concórdia, e emancipou-se em julho de 1995.

Em relação à colonização e formação da cidade de Itapiranga, podemos apontar, primeiramente, que se teve um processo diferenciado das colonizações das outras cidades, devido às restrições, feitas pela empresa responsável Sociedade *Volksverein*, para entrar e residir na Colônia Porto Novo, como era denominada inicialmente, em que só era permitido a

entrada de (i) migrantes alemães e descendentes, e de religião católica, como destaca Jungblut (2000). Deste modo, podemos apresentar que a colônia Porto Novo foi fundada em 1926, no entanto, teve o início de sua colonização por volta dos anos 20, e teve a emancipação política-administrativa em 1954, com a denominação de Itapiranga. Podemos afirmar também, que a cidade de São João do Oeste aparece juntamente com Itapiranga na coleta de dados, devido a esse município ter se emancipado recentemente de Itapiranga, em 1993.

Já a cidade de Luzerna, situada no Vale do Rio do Peixe, foi fundada por um engenheiro eletrotécnico alemão em 1915, inicialmente era denominada de Colônia Bom Retiro, parte integrante do município Cruzeiro (atualmente Joaçaba). Através de informações obtidas através do IBGE e do site da Prefeitura Municipal, podemos apontar que em dezembro de 1995 emancipou-se, sendo está a cidade mais jovem inserida neste estudo. A Colônia Bom Retiro, inicialmente, tinha o objetivo de estabelecer uma colonização tipicamente germânica, no entanto, no início da colonização, já havia a chegada de migrantes italianos para o local, estabelecendo assim, o contato entre duas diferentes culturas. O município é basicamente composto por estas duas culturas de correntes imigratórias, em que a grande maioria de origem alemã. Outro aspecto que podemos destacar do início da colonização, é de que a população inicial era formada por 50 % de católicos, 40 % de protestante e o restante era sabatistas, desta forma havia diferentes atividades religiosas na colônia.

E por fim, a cidade de São Carlos, que teve o início da sua colonização em 1927, inicialmente denominada de Porto dos Cantadores, com a vinda de colonos das “Colônias Velhas”, através da empresa colonizadora Companhia Territorial Sul Brasil, que abriu portas para as colonizações europeias. Constituindo-se assim, de grande maioria de migrantes alemães católicos, no entanto há registro de migrantes italianos e russos. Assim, em 1953 São Carlos emancipou-se da cidade de Chapecó.

1.5 À luz da teoria da dialetologia pluridimensional e relacional

Thun (1998, 2005 e 2012) destaca a importância de relacionar e combinar a sociolinguística com a dialetologia areal, para que se transforme em um estudo com espaço tridimensional da variação linguística, possibilitando a análise de elementos pertencentes do mesocosmo até o macrocosmo da geolinguística pluridimensional e relacional. Neste sentido, a dialetologia pluridimensional analisa as diversas relações existentes, em que considera desde os fatores internos e até os fatores externos, sociais, da língua. Portanto, pode-se

destacar que é uma teoria fundamentada na análise da variação linguística em diferentes dimensões, assim, as dimensões que serão utilizadas são,

- a dimensão diageracional: em que se analisa entre duas faixas etárias, segunda geração e primeira geração;
- a dimensão diastrática: procura investigar informações entre dois níveis sociais, classe alta e baixa, conforme a escolaridade do indivíduo.
- a dimensão diassexual: diferenciação entre o gênero masculino e feminino, e
- a dimensão diatópica: que visa analisar a variação entre os diferentes pontos de coleta.

Seguindo a metodologia pluridimensional, na dimensão diastrática, serão analisados dois níveis sociais, relacionada a formação e tempo de estudo, a classe alta (Ca), formado por informantes com formação superior parcial ou completa, e a classe baixa (Cb), correspondente a informantes com menor grau de instrução ou até no máximo com ensino médio completo. Já na dimensão diageracional, serão analisadas duas faixas etárias, a geração jovem (GI), representados por informantes entre 18 a 36 anos, e a geração velha (GII), correspondentes a informantes acima de 55 anos. Há também, a análise na dimensão diassexual, entre dois tipos de gênero, informantes mulheres (fem.) e informantes homens (mas.). Já na dimensão diatópica, tem se a análise dos elementos entre distintos pontos, no caso aqui, entre as cidades.

2 Procedimentos metodológicos

Para analisar e obter informações referentes ao bilinguismo no oeste de Santa Catarina, utilizaremos os dados coletados pelo projeto ALMA-H. Para tanto, o presente trabalho, seguirá os pressupostos da Dialectologia Pluridimensional, mantendo o enfoque nas dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. Deste modo, analisaremos as respostas de até 8 informantes de cada cidade selecionada do oeste de SC. Deste modo, podemos apresentar que o número total de informantes disponível de 23, em que Alto do Bela Vista possui 5, Itapiranga/ São João do Oeste tem 8 , São Carlos apresenta 7 e Luzerna possui 3.

As setes perguntas selecionas, pertencem a terceira parte do questionário, que se refere aos aspectos (meta)linguísticos. Desta forma, a análise será desenvolvida a partir das informações contidas nas repostas das perguntas: 11) *Que línguas o sr./a sra. fala?*; 12) *Qual*

dessas línguas aprendeu primeiro?; 13) Qual dessas línguas o sr./a sra. fala melhor?; 14) Qual dessas línguas o sr./a sra. acha mais bonita?; 16) Que língua os seus pais falam?; 23) E seus filhos realmente aprenderam alemão?, e 24) Qual dessas línguas acha a mais difícil de aprender?.

A partir das perguntas selecionadas, que possibilitam uma resposta objetiva por parte do informante, quer se verificar qual a língua que os indivíduos aprenderam primeiro, qual acha(m) que fala(m) melhor, qual é mais difícil de aprender, e qual, na percepção do informante, é a mais bonita.

Vale ressaltar, que a grande parte das entrevistas foram realizadas em grupos ou em duplas de informantes, e em poucas situações, foi feita somente com um informante. Essa estratégia de entrevista adotada está baseada nos pressupostos, por vez, da Dialetoologia Pluridimensional. Thun (1998) aponta que se recomenda a entrevista de grupos, obtendo assim, uma pluralidade de informantes pertencentes aos mesmos parâmetros. Desta maneira, aumentam a representatividade, bem como a frequência de comentários metalinguísticos, e também parâmetros não previstos nas entrevistas, mas que tem importância posteriormente, no processamento de dados. Outro ponto de ressalva, é o fato de que durante o tempo de conversação nas entrevistas, o entrevistador e todos os 23 indivíduos entrevistados, mantêm um diálogo, na grande maioria, todo na variante da língua alemã, no caso, hunsriqueano.

3 Análise de dados

Nesta seção, através das entrevistas realizadas pelos pesquisadores, busca-se fatores e informações que relatam e apontam a forma de transmissão e aquisição das línguas, como também do bilinguismo. Procura-se analisar também, a questão da interferência da língua dominante e a relação entre as duas línguas, a partir da percepção do indivíduo. Desta forma, foi criado um quadro para apresentar, de uma maneira mais clara, visível e sintética as informações e os dados obtidos nas perguntas das entrevistas realizadas. Observamos o quadro 1:

Perguntas do ALMA-H									
Cidades	Gênero	Inform.		11. Que línguas o sr./a sra. fala?;	12. Qual destas línguas aprendeu primeiro?	13. Qual destas línguas o sr./a sra. fala melhor?	14. Qual destas línguas o sr./a sra. acha mais bonita?	16. Que línguas os seus pais falam?	24. Qual destas línguas acha mais difícil de aprender?
Alto Bela Vista	Feminino	CaGII	I	I	I	I	I	I	I
		CaGI	●	○	●	○	●	○	
		CbGII	●	○	●	●	●	○	
		CbGI	●	○	●	○	●	○	
	Masculino	CaGII	I	I	I	I	I	I	
		CaGI	I	I	I	I	I	I	
		CbGII	●	○	●	●	● ²⁵	○	
		CbGI	●	○	●	○	●	○	
Itapiranga/São João do Oeste	Feminino	CaGII	●	○	●	●	●	○	
		CaGI	●	○	●	○	●	○	
		CbGII	●	○	○	○	●	●	
		CbGI	●	○	○	○	●	○	
	Masculino	CaGII	●	○	●	○	●	○	
		CaGI	●	○	●	○	●	○	
		CbGII	●	○	○	○	●	●	
		CbGI	●	○	○	○	●	○	
Luzerna	Feminino	CaGII	I	I	I	I	I	I	
		CaGI	I	I	I	I	I	I	
		CbGII	●	○	●	●	●	○	
		CbGI	●	○	●	○	●	○	
	Masculino	CaGII	I	I	I	I	I	I	
		CaGI	I	I	I	I	I	I	
		CbGII	●	○	●	●	●	○	
		CbGI	I	I	I	I	I	I	
São Carlos	Feminino	CaGII	●	○	●	●	●	○	
		CaGI	●	○	●	●	●	○	
		CbGII	●	○	○	○	●	○	
		CbGI	●	○	●	○	●	●	
	Masculino	CaGII	●	○	●	○	●	○	
		CaGI	●	○	●	○	●	○	
		CbGII	●	○	●	○	●	○	
		CbGI	I	I	I	I	I	I	
Legenda ● Português ○ Hunsriqueano ● Ambas as línguas I Inexistente ²⁶									

Quadro 1: Relação de dados apresentados pelos informantes a partir das perguntas contidas no projeto ALMA-H

²⁵ Informante declarou que a mãe sabia falar somente a língua alemã, no entanto o pai sabe falar as duas línguas.

²⁶ Informante não encontrado.

Observamos no quadro acima, que as perguntas exploradas procuram, de certa forma, caracterizar o informante frente às suas línguas, no sentido de saber qual é, ou são, a(s) língua(s) materna(s), a que línguas teve contato e quais fazem parte de seu convívio familiar, bem como a percepção em relação a cada língua.

É necessário ressaltar que a ausência de um tipo de informante na pesquisa não indica que este informante não possa existir na comunidade(cidade), pois havia um perfil requerido para a entrevista. No entanto, este aspecto evidencia que há um número mais reduzido de falantes de língua alemã, nestes locais, já que para a pesquisa era necessário que os informantes fossem bilíngues português-alemão.

O primeiro ponto que podemos destacar, observando o quadro 1, que todos os indivíduos são bilíngues alemão/português, são 23 informantes, e todos, sem exceção, tiveram a língua alemã como língua materna, ou seja, todos os informantes aprenderam primeiro a língua alemã. Neste aspecto, podemos apontar que houve a manutenção da língua, pois tanto os indivíduos acima de 55 anos, como os informantes entre 18 a 36, aprenderam a variedade alemã em casa. A grande maioria dos informantes destaca que aprendeu o português somente quando começou a frequentar a escola.

Podemos apontar também, outro dado em comum entre os informantes, que os pais dos indivíduos sabem as duas línguas, hunsriqueano e português, ou seja, também eram bilíngues. No entanto, somente um informante, da cidade Alto Bela Vista (masc. CbGII), respondeu que a mãe não sabia a língua portuguesa, porém o pai tinha conhecimento sobre as duas línguas em questão. Esse aspecto, de todos os pais dos informantes saberem as duas línguas, indica que, no dia-a-dia, no convívio familiar, a língua dominante é a variedade alemã. A partir destas informações, podemos pensar em qual é o tipo de aquisição de língua dos informantes, como também a realidade que estão inseridos.

Deste modo, pode-se resgatar o sexto tipo de aquisição bilíngue, apontado por Romaine (1995), como o melhor que se enquadra na situação dos informantes. O sexto tipo de aquisição bilíngue corresponde a “línguas mistas”, na qual os pais são bilíngues e a comunidade em que estão inseridos também pode ser bilíngue em sua grande maioria. Observemos aqui, que a situação apontada por Romaine (1995), apresenta os mesmos elementos apontados pelos informantes, os pais são bilíngues e a comunidade é bilíngue, apresentando as duas línguas. No entanto, o único aspecto que diferencia as duas situações, destacado por Romaine (1995), é o fato de que em casa há uma mistura de línguas, uma alternância de códigos, ou seja, as duas línguas são faladas pelos pais no meio familiar, porém

os informantes destacam que somente aprenderam o português na escola, um indício que tiveram em casa somente o hunsriqueano. Portanto, pode-se destacar que, mesmo os pais sendo bilíngues, podemos sugerir a hipótese de que eles utilizaram somente a língua alemã com a criança, e a mesma só teve o contato com o português através da comunidade que estava inserida, mais especificamente, na maioria dos casos, quando começou a frequentar a escola.

Com isso, analisando as sete perguntas do questionário, podemos verificar que dentre elas três se destacam por haver uma variabilidade de respostas, possibilitando análise nas diferentes dimensão da dialetologia pluridimensional. Desta forma, criamos gráficos de cada pergunta em cada dimensão e a organizamos em formato de cruz, como podemos observar abaixo:

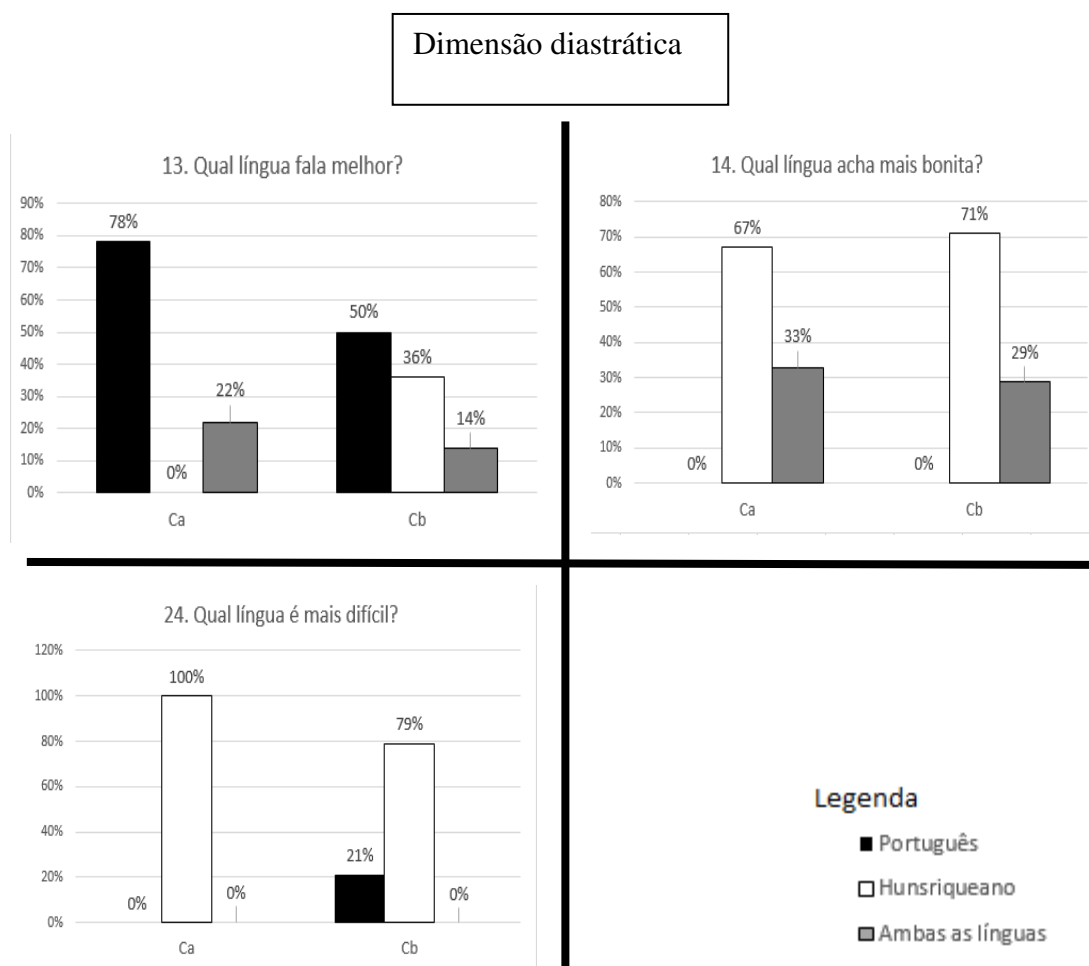


Figura 2 Gráficos de três perguntas na dimensão diastrática

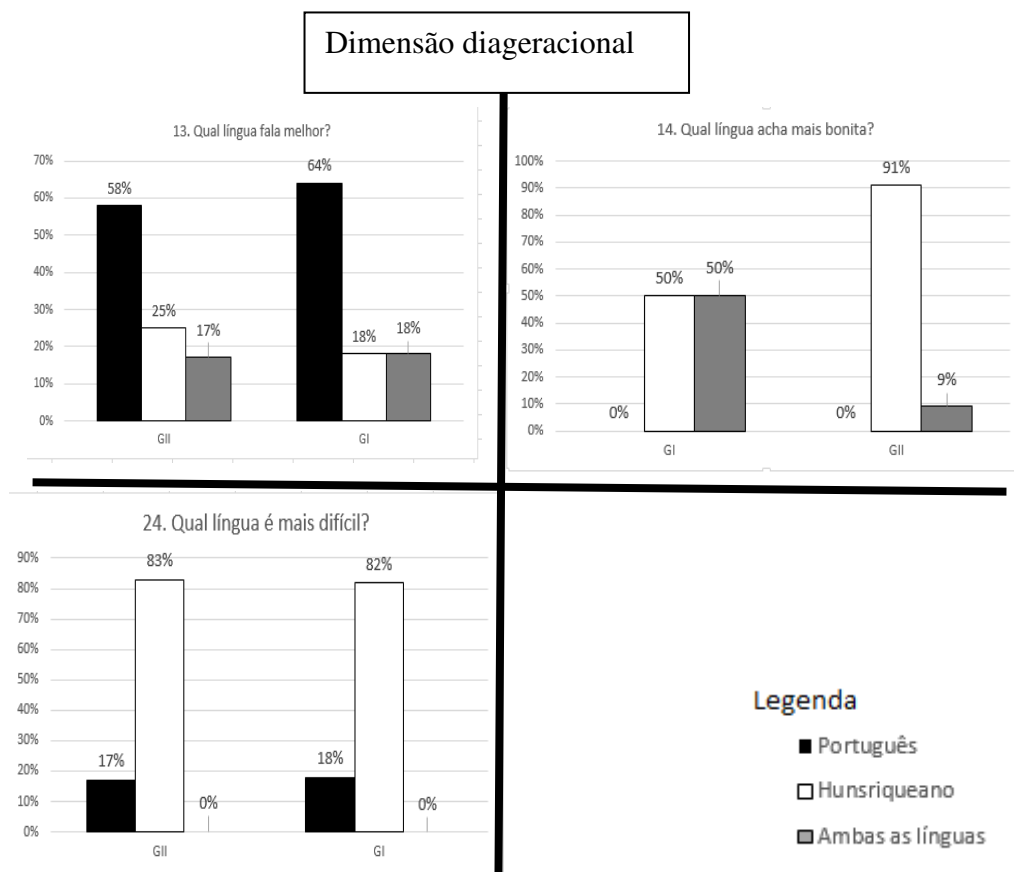


Figura 3 Gráficos de três perguntas na dimensão diageracional.

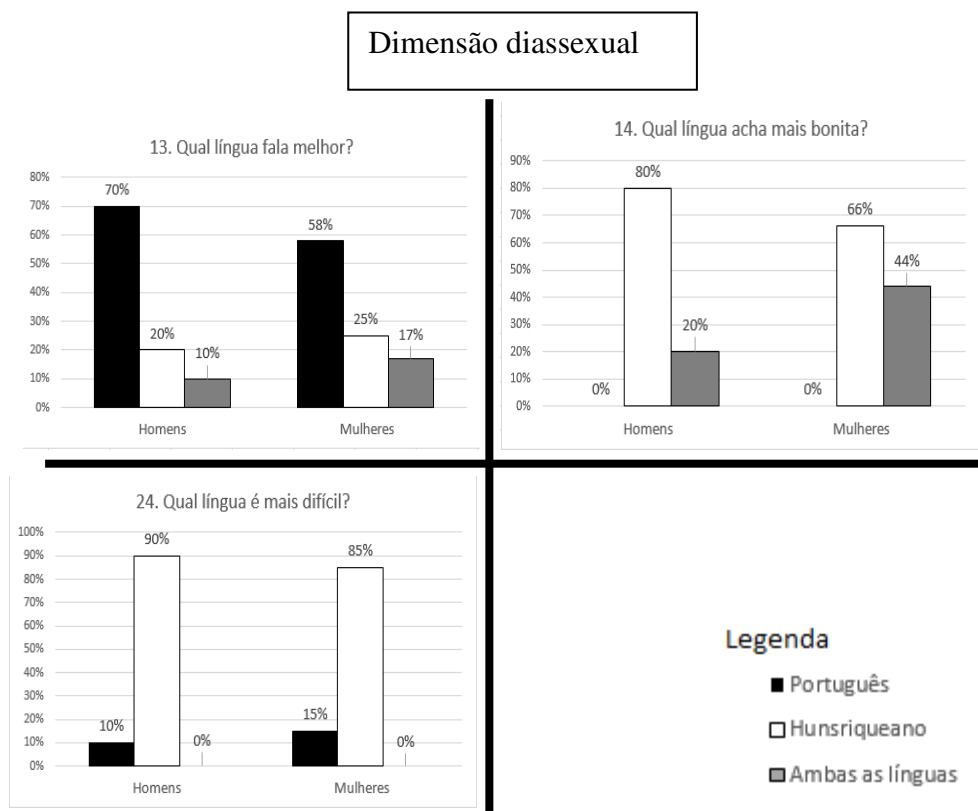


Figura 4 Gráficos de três perguntas na dimensão diassexual.

Dimensão diatópica

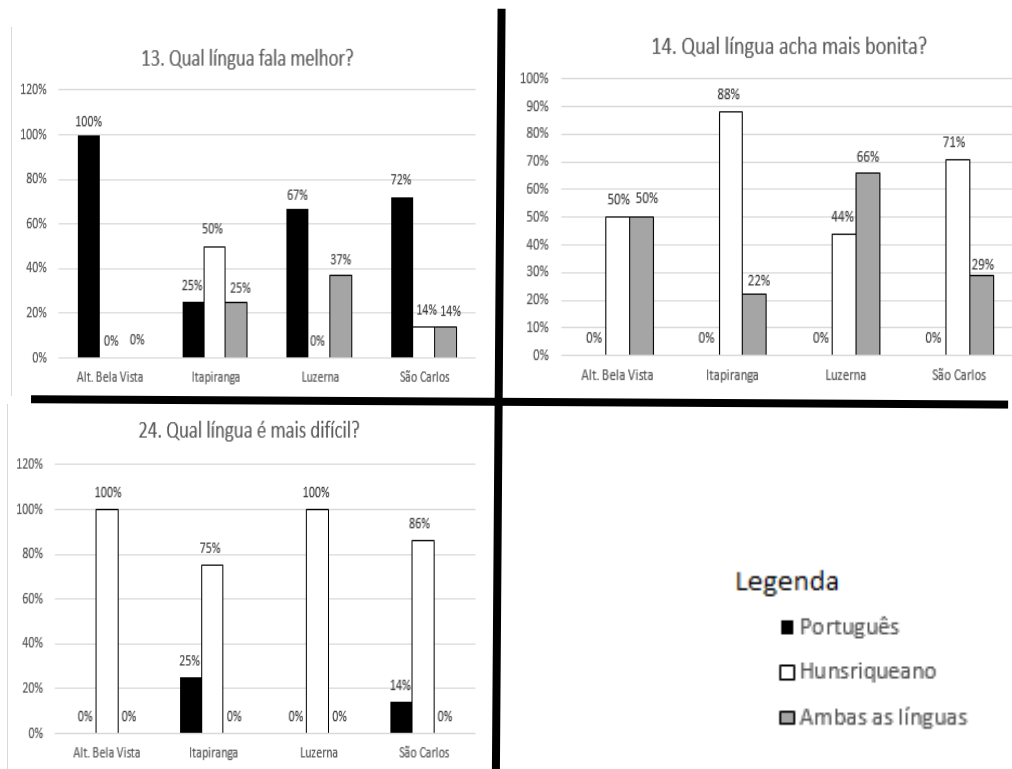


Figura 5 Gráficos de três perguntas na dimensão diatópica.

Analisando os dados da pergunta nº 13, observando os gráficos, na dimensão diasssexual, podemos apresentar que 58 % das mulheres declaram que falam melhor o português, 25 % apontam que falam melhor o hunsriqueano e 17 % disseram que falam melhor as duas línguas. Em relação aos homens, podemos destacar que 70% afirmaram que falam melhor a língua portuguesa, 20 % declaram que falam melhor a língua alemã e somente 10 % disseram que falam bem as duas línguas. Já na dimensão diageracional, podemos verificar que 58% dos informantes, pertencentes à GII, registram que falam melhor o português, já 25%, da mesma geração, apontam que falam melhor a língua alemã e 17%, declaram que falam bem as duas línguas. Na GI, podemos observar que 64% dos indivíduos declaram que falam melhor o português, 18% afirmam que falam melhor a língua alemã e outros 18 %, disseram que falam melhor ambas as línguas. Neste sentido, podemos verificar que, nas duas dimensão analisadas, que a maioria dos informantes fala melhor o português.

Ainda na pergunta de nº 13, analisando na dimensão diastrática, foi possível verificar que 78 % dos indivíduos, pertencente a Ca, declaram que falam melhor o português, 22 % disseram que falam melhor ambas as línguas. Já na Cb, 50 % dos indivíduos apontam que

falam melhor o português, 36% afirmam que falam melhor a língua alemã, e por fim, 14% declaram que falam melhor ambas as línguas. Observamos que, nesta pergunta, nenhum informante da Ca aponta que fala melhor somente o hunsriqueano, ao contrário da Cb.

Outro aspecto que podemos observar na pergunta de nº 13, na dimensão diatópica, analisando os indivíduos que declaram que falam melhor o hunsriqueano, 80 % pertence a cidade de Itap./Sjo, e os outros 20 % se referem a São Carlos. As cidades de Luzerna e Alto Bela Vista não apresentaram informantes que declararam que falam melhor a língua alemã. Em relação aos indivíduos que falam bem as duas línguas, a cidade de Itap./ Sjo corresponde a 50 % do valor, seguida por São Carlos com 25% e Luzerna também com 25%. Deste modo, percebe-se que a cidade de Itap./Sjo apresenta o maior percentual de indivíduos que declaram que falam melhor a língua alemã, ou as duas línguas, e neste aspecto podemos analisar os dados a partir de uma dimensão diatópica, pois há uma pequena diferença entre as cidades.

Deste modo, podemos analisar o aspecto apontado acima, através do fato de que as duas cidades, Itap./Sjo e São Carlos, apresentam uma colonização especificamente de migrantes alemães, e no caso de Itap./Sjo, somente católicos. Ao contrário das outras duas cidades, Alto Bela Vista e Luzerna, tiveram a colonização de outras etnias além da germânica, como já apresentamos e discorremos na seção anterior 1.4.1. Pode-se ressaltar que o tipo de colonização, em relação à etnia, interfere na língua, pois a comunidade acaba tendo uma organização a partir de mais de uma língua, pois apresentam um contexto de contato entre mais línguas. Neste caso, podemos tomar como exemplo a cidade Itap./Sjo, que, devido às restrições no período de colonização, prevista somente para indivíduos de origem alemã católicos, a cidade teve, inicialmente, uma organização a partir de uma única língua, as escolas tinham o ensino de hunsriqueano, bem como as ações desenvolvidas pela igreja e pelo comércio. Pode-se observar que, a cidade de São Carlos apresenta uma situação bem semelhante com a de Itapiranga e São João do Oeste. Assim, podemos relacionar com a proposta apresentada por Spinassé (2008), que destaca que no início da imigração de alemães, aqui no caso da colonização, formaram-se “ilhas linguísticas”²⁷, contribuindo desta forma, com a preservação da língua alemã. A cidade de Alto Bela Vista e Luzerna tiveram, na grande maioria, a colonização de alemães, no entanto também teve a migração de italianos, o que provoca, de certa forma, uma estrutura organizacional diferente, em que não há possibilidade de estruturar-se a partir de uma língua só.

²⁷ Ver seção 1.4 (I) Migração e a variedade hunsriqueana no oeste catarinense

Deste modo, para resumir, podemos apontar que na pergunta nº 13, qual língua fala melhor, podemos observar que 61 % dos informantes apontam que falam melhor a língua portuguesa, e que 22% dos entrevistados declaram que falam melhor a língua alemã, e 17% dos indivíduos registram que falam bem ambas as línguas.

Já na pergunta nº 14, qual língua o informante acha mais bonita, analisando na dimensão diastrática, verificamos que na Ca, 67 % afirmam que acham mais bonita o hunsriqueano, e 33% apontam que as duas línguas sejam bonitas. Em termos de porcentagem, podemos observar que a classe baixa apresenta um valor próximo da classe alta, em que 71 % dos informantes apontam que acham a língua alemã a mais bonita, e os outros 29 %, afirmam que as duas línguas são bonitas, como podemos observar nos gráficos acima. Já na dimensão diassexual, podemos apontar que 66% das mulheres apontam a língua alemã como mais bonita, e 44% consideram as duas línguas bonitas. Em relação aos homens, há uma mudança mais perceptível, em que 80 % apontam que a língua alemã seja a mais bonita, e 20 % consideram as duas línguas.

Analisando na dimensão diageracional, a recorrência de repostas na pergunta nº 14, podemos verificar que a grande maioria dos informantes pertencentes a GI aponta que acham mais bonita a língua alemã, ou seja, cerca de 91% dos indivíduos, e apenas 9 % apontam que acham as duas línguas bonitas. Já na GII, há um equilíbrio, em que 50% dos indivíduos disseram que acham mais bonita a língua alemã, e os outros 50 % apontam que as duas são línguas bonitas.

Deste modo, podemos observar no gráfico da segunda cruz, que a GII apresenta um equilíbrio na resposta. No entanto, percebemos a nítida diferença a GI, em que 91 % dos informantes apontam que acham a língua alemã mais bonita. Contrastando com a pergunta anterior, de nº 13, podemos perceber que a maioria dos indivíduos da GI, que apontaram que sabem falar melhor o português, declaram nesta pergunta que acham mais bonita a língua alemã. Pode-se deduzir que há relações mais afetivas com a língua alemã.

Assim, podemos apresentar os dados da pergunta nº 14 de uma forma geral em que, verificamos que a grande maioria dos informantes, cerca de 70%, considera a língua alemã como a mais bonita, e que 30 % do total de informantes declaram que acha as duas línguas bonitas. No entanto, nesta pergunta, nenhum informante aponta somente o português como sendo a mais bonita.

É importante ressaltar, que a pergunta nº 14 gerou muitos comentários por parte dos falantes, pois além de apontarem qual língua avaliam ser a mais bonita, muitos dos informantes justificavam sua resposta. Neste sentido, pode-se destacar uma relação afetiva

com a língua alemã, ou seja, com a língua materna. Muitos dos informantes que julgavam que a língua alemã é mais bonita, justificam que os cantos e as rezas em alemão em sua estrutura trazem, ou despertam mais sentimentos. Há também informantes que declaram que acham a língua alemã mais bonita por que forma parte de sua identidade, consideram um orgulho poder falar hunsriqueano, e estar inserido em um determinado grupo.

A pergunta nº 24 explora, na visão do informante, qual língua é mais difícil de aprender. Deste modo, analisando na dimensão diassexual, verificamos que 85% das mulheres e 90% dos homens apontam que a língua alemã é mais difícil e, respetivamente 15% das mulheres e 10% dos homens declaram que é mais difícil de aprender o português. Verificando os dados na dimensão diageracional, podemos apontar que 83% dos informantes pertencentes a GII, declaram que a língua alemã é mais difícil, e 17% afirma que é mais difícil o português. Na GI observamos que 82 % dos indivíduos apontam o hunsriqueano como a língua mais difícil de aprender e, 18% afirma o português.

Já na análise na dimensão diastrática, entre a classe alta e baixa, na pergunta nº 24, em que os indivíduos avaliam qual língua acham mais difícil de aprender, todos (100%) os informantes pertencentes à Ca, afirmam que é mais difícil de aprender o hunsriqueano. Enquanto que na Cb, houve a incidência das duas línguas nas respostas, em que 79% dos informantes apontam que é mais difícil aprender o hunsriqueano, e 21%, afirmaram que é mais difícil aprender o português. Podemos relacionar esta situação com o ensino escolar, pois não se sabe, de fato, o que os informantes entendem por aprender, se ele está relacionado a falar uma língua, fazer uso oralmente dela, ou se relacionam como a ideia de aprender na sala de aula, ensino formal, e correspondente a escrita na determina língua. No entanto, pelo dado coletado, na forma que está apresentado, podemos levantar a hipótese de que os informantes estão relacionando o termo aprender com o ensino escolar, escrita e gramática. Neste sentido, podemos verificar que os indivíduos, que declararam que a língua portuguesa é mais difícil de aprender, pertencentes à Cb, possuem uma escolarização mais baixa, o que sugere que tiveram pouco contato com o ensino de língua portuguesa, estabelecendo assim um certo estigma com a língua, na questão gramatical e na parte da escrita, afirmando, assim, que a língua de seu convívio familiar é mais fácil.

Podemos apresentar também o dado geral da pergunta nº 24, visualizando o quadro 1, percebemos que nenhum informante disse que ambas as línguas são difíceis de aprender, no entanto, 87 % dos informantes disseram que a língua alemã é mais difícil de aprender e somente 13% declaram que o português é mais difícil.

Com isso, podemos introduzir e destacar a pergunta de nº 23 do questionário, que não está descrita no quadro 1, por gerar respostas diferentes das demais perguntas, pois pede-se aos entrevistados se seus filhos, quando for o caso, se realmente aprenderam o hunsriqueano. Registramos que 65% dos informantes possuem filhos e 26%, não. Vale ressaltar que essa pergunta não foi feita para 9% dos indivíduos, provavelmente os entrevistadores sabiam que os informantes, da GI, não tinham filhos. Assim, apresentamos que 35% dos informantes não possuem filhos. Em relação aos informantes que declaram que possuem filhos, todos afirmam que os filhos aprenderam o hunsriqueano, assim, podemos ressaltar outro dado que reafirma que há a manutenção da língua alemã nestes contextos.

Em relação a esta pergunta, de número 23, podemos verificar durante a escuta das entrevistas, que as mulheres e, ao mesmo tempo que respondiam, também justificavam essa resposta. Neste sentido, destacamos que várias informantes apontaram “grau ou nível” do filho na língua alemã, apresentando possíveis fatores que resultaram na situação que se tem hoje em relação aos filhos. Algumas declaram que os filhos compreendem o hunsriqueano, no entanto o filho somente fala em português. Já com os informantes do sexo masculino, na grande maioria dos casos, não ocorre semelhante situação, pois respondem de forma direta e simples. Abaixo temos exemplos de algumas respostas²⁸:

- (1) “Sim eles precisavam [...] sabem até hoje” (Alto Bela Vista CbGII fem)
- (2) “No início falávamos somente em hunsriqueano com eles, mas quando começaram a ir para a escola não queriam mais saber do alemão, e depois de um tempo queriam voltar a falar em alemão, mas não era mais o mesmo.” (Itap/ Sjo CaGII fem.).
- (3) “O mais velho falava alemão até ir na escola.” (Itap/Sjo CaGII masc.).
- (4) “Em casa, eu e meu marido, falamos bastante alemão, porque o filho mais velho quando mais novo, só falava alemão com avó. E quando viemos morar pra cá ele só falava alemão, e na escola só chorava porque as crianças não o entendiam. E ainda ele começou a falar o português, hoje ele entende tudo em alemão, mas só fala português. Isso me dá dó, porque ele lembra como diz arroz, feijão, carne, mas só fala português. (Itap/ Sjo CaGI fem.)
- (5) “Sempre falo alemão com eles [...] minha esposa não fala alemão mas entende tudo.” (Itap/Sjo CaGI masc.)
- (6) “Eles querem falar mais o português porque tem na escola, mas nós só falamos em alemão, pra eles não perderem a língua [...] Eles precisam falar o português na escola, lá eles não podem falar em alemão.” (Itap/Sjo CbGI fem.)
- (7) “Sim, falamos em alemão com eles”. (Itap/Sjo CbGI masc.)

²⁸ A maioria das entrevistas havia o diálogo na variedade alemã, assim, as respostas apresentadas em português foram traduzidas da variedade alemã, sendo uma tradução livre nossa.

(8) “O Ricardo falava alemão, mas os outros só falam português. Eu pergunto em alemão e eles respondem em português. (Luzerna CbGII fem.)

(9) “Os mais velhos sim, falavam um pouco, mas hoje já não mais.” (Luzerna CbGII masc.)

(10) “Os dois mais velhos falavam bem, mas o alemão que eu falo, falam bem e entendem tudo. O mais novo agora a gente consegue conquistar ele, porque ele ia na creche, e tinha um trauma, ele não queria nem escutar falando alemão. Agora, quando falam que pode conseguir um melhor emprego aqui em São Carlos por causa do alemão, ele começou a falar, mas não gosta muito.” (São Carlos CaGII fem.)

Como as entrevistas eram realizadas em grupo, é necessário destacar que muitas vezes o informante masculino não respondia a pergunta, possibilitando a hipótese que ele concordava com o que o outro informante estava dizendo. Podemos destacar também, que devido a essa dinâmica de entrevista em grupo, teve um diálogo entre os dois informantes, nesta pergunta nº 23. Abaixo podemos ver um trecho da conversa de informantes da CbGII Itap./ Sjo,

(11) “CbGII masc.: Sim eu acho importante.
CbGII fem.: Sim, mas não conseguimos entender que o nosso neto não fala alemão.
CbGII masc.: Ele vai na creche (escola), e lá quando tem dois, três que não falam alemão, aí já mudam (a língua). [...] eles entendem (os netos) mas não falam.
CbGII fem.: Aí a geração de falantes em alemão acaba quando eles crescerem.”

Observando o exemplo acima (11), os indivíduos preocupam-se com as futuras gerações, no caso aqui seus netos, não estão aprendendo o hunsriqueano, o que resulta, como a informante feminina aponta, em uma perda de informantes nativos da variante da língua alemã. E neste caso não se perde somente a língua, e sim toda história e cultura que está vinculada à língua.

Nos casos apresentados acima, especialmente os exemplos (2), (4) e (6) podemos observar que as mães tentam sempre ensinar e manter o contato do hunsriqueano com os filhos, independente da interferência da escola. Aos informantes que não possuíam filhos, pertencentes a GI, apontam a importância do ensino da língua alemã²⁹, assim como a intenção e desejo de ensinar aos seus filhos a língua. A informante fem. CbGI, de São Carlos, é enfática,

(12) “Sim, eles vão ter que aprender.”

Já a informante CaGI, também de São Carlos, destaca que tem intenção de ensinar hunsriqueano para os seus filhos, mas que não depende somente dela,

(13) “Eu gostaria muito, mas o mais difícil é os dois falarem (pai e mãe), porque um sozinho não tem como. [...] Dá pra tentar, mas é difícil, por que eles vão logo pra escola e aprendem o português.”

²⁹ Podemos destacar que a língua alemã, no caso a variedade hunsriqueana, é a língua da família.

Podemos observar que a mesma situação se repete em relação às informantes que possuem filhos, em que apontam a intenção de ensinar o hunsriqueano, no entanto tem a interferência da escola. Neste aspecto, pode-se apontar uma diferença na dimensão diasssexual, ou seja, entre homens e mulheres, em que as informantes respondem com mais detalhes. Com isso, há a possibilidade de levantar uma hipótese, de que até hoje o indivíduo possui características relacionadas a antiga cultura ocidental, na qual a mulher tem o papel da educação dos filhos. Desta forma, ao considerar este aspecto podemos perceber que a definição de língua materna, está relacionada com a mãe, ou seja, com a língua da mãe, como aponta Altenhofen (2002).

Em relação ao aprendizado da língua alemã dos filhos dos informantes, pode-se apontar que eles são bilíngues alemão-português, pela concepção de utilizarem, em parte, a língua alemã. Podemos relacionar com uma questão que surgiu na pergunta nº 16, presente no quadro 1, em que os informantes apontam as línguas que seus pais falam. Nesta pergunta, vários informantes ressaltam que os pais, se não os dois ao menos um, possuía dificuldade de falar em língua portuguesa para comunicar-se, no entanto compreendia o que lhe era dito nessa língua. Esta situação é possível de ser ilustrada a partir do exemplo abaixo, afirmada pela informante CaGII de São Carlos,

(14) “Minha mãe não sabia falar português [...], entendia tudo mas não falava.”

Podemos destacar que as duas situações são semelhantes, porém com a inversão da língua dominante. Assim, podemos apontar Mackey (1972), que apresenta quatro pontos fundamentais para considerar um indivíduo bilíngue. A questão do grau de proficiência, em que os indivíduos possuem pouca pronúncia, mas podem apresentar um amplo vocabulário. Outro ponto é a alternância dos dois códigos, bem como a atribuição de função a cada língua para o indivíduo, e também a interferência que uma língua tem sobre a outra. Podemos considerar também o estudo de Salgado (2008), que aponta diversos fatores que interferem no nível de bilinguagem de cada indivíduo. Cabe aqui também ressaltar a ideia que Salgado (2008) apresenta, em que não há existência de um bilíngue “equilibrado”, no aspecto que tenha o domínio de língua igual nas duas línguas, como também aponta Mackey (1972). Neste sentido, podemos considerar os filhos e pais dos informantes como indivíduos bilíngues.

Desta forma, ao fazer estas constatações acerca dos dados apresentados e, voltando a observar o quadro 1, surgem alguns questionamentos. Primeiramente, pode-se observar que muitos informantes apontam que tem como língua materna o hunsriqueano, acham a língua alemã mais bonita e possuem pais bilíngues hunsriqueano-português, no entanto consideram a

língua alemã a mais difícil de aprender e consideraram que falam melhor o português. Para uma melhor compreensão, analisemos o gráfico a seguir:

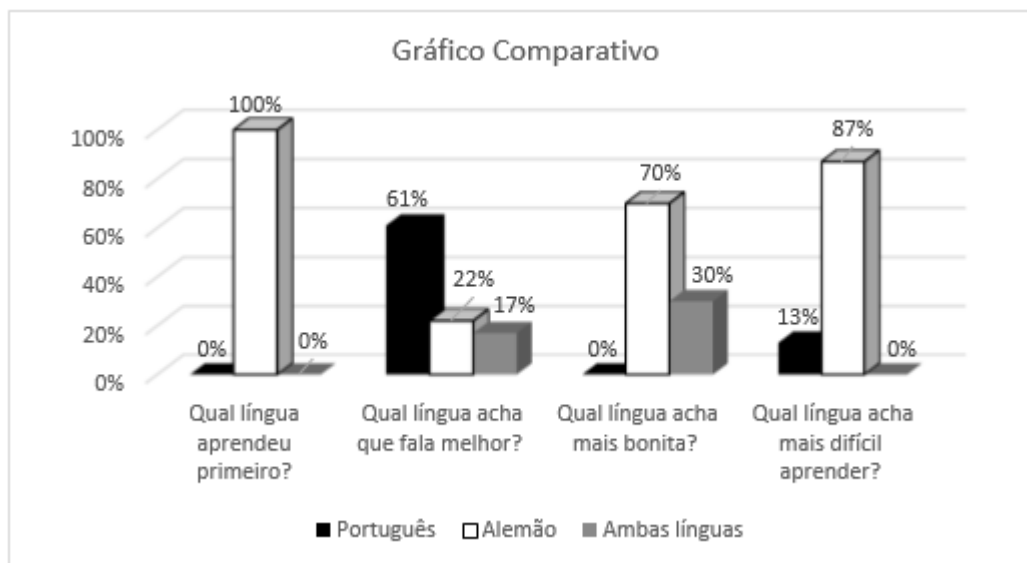


Gráfico 4: Porcentagem de falantes em cada língua em quatro perguntas diferentes.

Observando o gráfico acima, podemos questionar-nos do porque dos indivíduos que tem como língua materna o hunsriqueano, declararem que falam melhor o português, sabendo que estão, na grande maioria, inseridos em comunidades falantes da variedade alemã hunsriqueana. E por que tantos indivíduos declaram que a língua alemã é mais difícil, já que aprendeu está primeiro. Primeiramente, podemos classificar estes indivíduos com um bilinguismo simultâneo, como aponta De Heredia (1989), em que a língua materna do indivíduo passa a não ser mais a língua dominante, no caso apontado neste estudo, verificamos que agora a língua dominante é o português. Altenhofen (2002), apresenta também esta ideia, em que a língua materna do indivíduo não é necessariamente a língua dominante. Está inversão de domínios pode ter diversos fatores, no entanto, pode-se apontar que a interferência da escola em relação a língua alemã pode ser um dos principais fatores para essa inversão.

No entanto, a resposta para estas duas perguntas acima, pode estar relacionada com a escola, o ensino formal, já que muitos indivíduos declaram que, quando entraram na escola, não podiam falar o hunsriqueano, somente o português. Isto ocorre devido a política de nacionalização, proposta pelo governo de Getúlio Vargas em 1937, em que todas as aulas deveriam ser somente ministradas na língua portuguesa, que tinha como por objetivo “unir” as etnias presentes no Brasil, através da assimilação de uma única língua. No entanto, conforme Spinassé (2008), a nacionalização afetou o uso de várias línguas minoritárias, e com a Segunda Guerra Mundial só agravou o quadro, em que a língua alemã foi proibida nas

idades, principalmente nas escolas. Desta forma, essa política afetou o ensino da língua alemã, que foi excluída da escola e os alunos passaram a serem obrigados aprender uma nova língua e deixar de lado a língua materna.³⁰

Deste modo, pode-se apontar que a língua materna dos informantes, configura-se como algo de convívio familiar, pelo fato dos indivíduos não poderem utilizar a língua alemã na escola, sob pena de punições, bem como na sociedade, restringindo-se ao meio familiar. Percebemos que os acontecimentos das décadas anteriores afetaram profundamente o uso de língua alemã, como também o seu ensino escolar, na sociedade através dos indivíduos, que muitas vezes, sofrem preconceitos linguísticos, que afetam na manutenção das variedades alemães.

Por mais que os indivíduos apontem que falem melhor a língua portuguesa, na pergunta nº 14, a maioria dos informantes declaram que acha a língua alemã mais bonita, cerca de 70 %. Isso demonstra que os informantes mantêm uma afetividade com a língua alemã, na perspectiva que constituiu sua identidade linguística e cultural. Assim, pode-se salientar que os informantes apontam, e tem intenções, de que é necessário preservar, incentivar e ensinar as gerações futuras a língua alemã.

Por fim, podemos apontar alguns elementos comuns entre os indivíduos bilíngues português-hunsriqueano: a língua materna é o hunsriqueano, a grande maioria fala melhor o português, mas mantêm um laço afetivo com a língua alemã, pelo fato de considerá-la bonita, se comparado ao português.

Neste sentido, e com todos os outros elementos apontados no trabalho, percebe-se a necessidade de uma política linguística para o bilinguismo, bem como para as línguas minoritárias existentes no Brasil. Como aponta Mello, Altenhofen e Raso (2011), o Brasil é um país multilíngue desde sua colonização e formação histórica, assim, nada mais justo desenvolver políticas que valorizam e respeitam as línguas minoritárias.

4 Considerações Finais

Através deste estudo, pode-se ressaltar que os indivíduos bilíngues do oeste catarinense, tem a consciência da importância da manutenção da língua alemã, e não podemos esquecer que há vários fatores que interferem nesta manutenção da língua. Observando os

³⁰ Desta forma, indivíduos aprendem uma língua em casa, no caso aqui a língua alemã, desde pequeno, configurando-se como a língua materna para eles. Porém, quando estes mesmo indivíduos começarem a frequentar a escola eles serão obrigados a aprender a língua portuguesa e a não utilizar a língua alemão. Podemos apontar que é uma língua para cada contexto.

dados e os elementos abordados pelos informantes, podemos destacar que há fundamentais semelhanças, como também diferenças, das quatro cidades estudadas, bem como nas duas gerações e classes analisadas, que caracterizam o “ser bilíngue” existente na região oeste de SC.

Deste modo, podemos apontar algumas percepções e caracterização dos indivíduos em relação a seu bilinguismo: que todos os informantes têm como língua materna o hunsriqueano, no entanto, com diversas interferências, acabou por invertendo a língua de domínio no falante, em que muitos destacam que falam melhor a língua portuguesa, e acham mais difícil de aprender o hunsriqueano. Porém, alguns dados apontam, que devido às diferentes formas de colonização e formação das cidades, duas cidades, principalmente Itapiranga/São João do Oeste, possuem informantes que declaram que falam melhor a língua alemã, ou as duas, isso demonstra que a comunidade é mais homogênea em relação ao uso das duas línguas em questão.

A questão de que os pais dos informantes serem bilíngues, no entanto, os mesmos só aprenderam o português na escola, caracteriza a língua alemã como sendo a língua de convívio familiar, a dominante. Este aspecto contribui para a manutenção da língua alemã, como também para formação identitária linguística do indivíduo. Assim como, a relação da mulher como a principal responsável pela educação e ensinamentos aos filhos, relacionando com o fato de que a língua materna é a língua adquirida através da mãe.

Constatando o fato de a grande maioria dos informantes declararam que é mais difícil aprender hunsriqueano, sabendo que tem domínio da língua desde pequenos, podemos apontar que, para a maioria dos indivíduos, o termo aprender/ensinar está relacionado com o ensino escolar e a gramática normativa da língua escrita. E por este fato, podemos observar que os indivíduos que apontaram que a língua mais difícil de aprender é a língua portuguesa, pertencentes a classe menos escolarizada, assim suponhamos que estes não tiveram um contato intenso com o ensino de gramática de língua portuguesa, desenvolvendo a ideia que seja mais difícil.

Deste modo, com o estudo e análise dos dados, relacionada com a base teórica, de fato, podemos afirmar que se conseguiu alcançar os objetivos propostos inicialmente pelo trabalho, analisando nas diferentes dimensões da dialetologia pluridimensional, viabilizando assim a construção de uma percepção do indivíduo bilíngue do oeste de SC. Para tanto, podemos afirmar que a hipótese apontada no início do estudo se sustenta, pelo fato de verificarmos mudanças em relação as gerações, que mesmo com a manutenção da língua, houve inversões de fundamental importância. No entanto, os informantes possuem o desejo de

manter viva a variedade alemã hunsriqueana, que pertence não só ao indivíduo, mas que caracteriza uma comunidade linguística inteira.

Portanto, pode-se destacar que, atualmente, os estudos sobre a variação linguística, os contextos multilíngues e a importância de trabalhar os aspectos das línguas do indivíduo no espaço escolar, apontam a necessidade de uma política linguística para as línguas minoritárias, bem como também para o bilinguismo. Deste modo, a principal relevância deste trabalho constituía-se na percepção do meio linguístico que estamos inseridos, para que assim desenvolva-se na sociedade uma mudança de postura frente às línguas minoritárias e às variedades de menor prestígio.

Referências Bibliográficas

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilingüismo (alemão-português). In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. In: *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)*, n.1 (3), Frankfurt a.M., 2004, p. 83-93.

CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil. In: *DELTA: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, V. 15. Nº Especial, 1999, p. 385-417.

DE HEREDIA, C. Do Bilingüismo ao Falar Bilíngüe. In: VERMES, G & BOUTET, J. (orgs.) *Multilingüismo*. Campinas: Unicamp, 1989, p. 177-220.

HEYE, Jürgen. *Línguas em contato: considerações sobre bilingüismo e bilingualidade*. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (org.). Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 229-235.

HORST, Aline. *Variação e contatos lingüísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari*. Dissertação de mestrado, UFRGS: Porto alegre, 2014.

HORST, Cristiane. A situação da alfabetização dos falantes de línguas de imigração no contexto brasileiro. In: *Contingentia*, v. 4, n. 2, p. 73-84, nov. 2009.

HORST, Cristiane. “Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa”. *A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil*. Westenseeeverlag: Kiel, 2011.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch. In: *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, v. 22. n.2, 2012, p. 367-383.

IBGE ALTO BELA VISTA. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/altobelavista.pdf>. Acesso em: 29 de out. 2014.

IBGE ITAPIRANGA. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santa_catarina/itapiranga.pdf. Acesso em: 29 de out. de 2014.

IBGE LUZERNA. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santa-catarina/luzerna.pdf>. Acesso em: 29 de out. de 2014.

IBGE SÃO CARLOS. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santa-catarina/saocarlos.pdf>. Acesso em: 29 de out. de 2014.

JUNGBLUT, Roque. *Documentário histórico de Porto Novo*. Itapiranga: ARCO IRIS Gráfica e Editora, 2010.

KRUG, Marcelo Jacó. Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrantes-RS. Diss. Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras, 2004.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague : Mouton, 1972. p. 554-584

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V; RASO, Tommaso. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: ALTENHOFEN, Cléo V. MELLO, Heliana. RASO, Tommaso (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2011. p.13-55.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico*. IN: SILVA, Fábio Lopes da & MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO BELA VISTA. Disponível em: <http://www.altobela-vista.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/24614#.VFpbVfnF9yU>. Acesso em: 29 de out. de 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPIRANGA. Disponível em: <http://www.itapiranga.sc.gov.br/municipio/index/codMapaItem/9304>. Acesso em: 02 de nov. de 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LUZERNA. Disponível em: <http://www.luzerna.sc.gov.br/conteudo/?item=11586&fa=5812>. Acesso em: 03 de nov. de 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS Disponível em: <http://saocarlos.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/26310#.VFpYyPnF9yV>. Acesso em 03 de nov. De 2014.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford : Basil Blackwell, 1995.

SALGADO, A. C. P.. Medidas de Bilingualidade: uma proposta. Tese Doutorado em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: A língua como um fator identitário e inclusivo. In: *Conexão Letras*, Porto Alegre, Vol.3, n. 3, p.125-140, 2008.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International Congress Of Romance Linguistics and Philology (21. : 1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Ogr. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p.701-729, 787-789.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl(org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2005. p.63-92.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter e SCHIMITZ, Erich (eds.). *Language and space: Na*

International Handbook of Linguistic Variation. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 706-723, 2010b.

THUN, Harald. *Entre alteridad y aliedad: las lenguas minoritarias en momentos de crisis internacional*. In: PFLEGER, Sabine.; STEFFEN, Joachim.; STEFFEN, Martina. (coords). *Alteridad y Aliedad – La construcción de la identidad con el otro y frente al otro*. México, p. 21 – 40, 2012.

WALD, Paul. *Língua Materna, produto de caracterização social*. In: Vermes, G. & Boutet, J. (orgs.). *Multilinguismo*. Unicamp. Editora Unicamp, 1989, p. 89-109.

ABSTRACT: This work analyses the bilingual individual's perception towards his/her Portuguese/German bilingualism in western Santa Catarina (SC). It follows Mackey (1972), Romaine (1995), Altenhofen (2002), Horst (2009) Thun's (2005) theoretical principles and studies on bilingualism. These authors point the importance of bilingualism, as well as a linguistic policy to bilingualism. In this sense, the relevance of this work is to expand the studies on the related topic, as well as the practice of deconstruction of prejudiced discourses in relation to both bilingualism and prestige languages and their different varieties. Thus, we aim to investigate and analyze the characteristics of bilingualism, the speaker's perceptions and beliefs facing his/her languages in order to analyze the characteristics of the Portuguese / German bilingualism in the towns of Alto Bella Vista, Itapiranga/São João do Oeste, Luzerna e São Carlos, located in western Santa Catarina. The methodology is based on the principles of the Pluridimensional Dialectology, pointed out by Thun (2005). By analysing the data we could find differences in relation to bilingualism and the dominant language regarding the cities (diatopic dimension) as well as between the two generations (diagenetic dimension) between the two social classes (diastratic dimension) and between the two sexual genders analyzed (diasexual dimension). Despite the differences, it was possible to characterize bilingualism in western SC. In general, the bilingualism presents the same structure and constituents in a general context, has the same structure and constituents regarding the mother tongue and the linguistic identity.

KEY WORDS: bilingualism; identity; western Santa Catarina; Portuguese-German language contact; pluridimensional dialectology.